



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares

GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

O MAL-ESTAR DOCENTE: ADOECIMENTO E AFASTAMENTO DA SALA DE AULA

TEACHER DISCOMFORT: ILLNESS AND ABSENCE FROM THE CLASSROOM

Elisangela Castedo Maria do Nascimento¹

Rosa Rodrigues Maciel²

Aparecida de Sousa dos Santos³

RESUMO

Nos últimos anos, diversas pesquisas apontam para o aumento significativo de professores afastados de suas atividades por razões de saúde. Assim, o objetivo deste artigo é analisar o quadro de adoecimento e afastamento docente, compreendendo suas causas estruturais e sua manifestação nas diferentes regiões do Brasil. A metodologia empregada é de natureza qualitativa e se baseia na Revisão Integrativa da Literatura e na Pesquisa Documental, com análise dos dados por meio do método de Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). Os resultados confirmam a prevalência do mal-estar docente (Esteve, 1999), que culmina em patologias como depressão, ansiedade e síndrome de *burnout* (OMS, CID-11), devido a fatores como sobrecarga de trabalho, violência escolar, precarização da infraestrutura e baixa remuneração. O estudo conclui que o bem-estar docente é dependente de políticas públicas estruturais promovidas pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, urgentes para a valorização da profissão e o cuidado com a saúde mental e emocional dos profissionais.

Palavras-chave: Professor. Saúde mental. Mal-estar docente. *Burnout*. Afastamento.

ABSTRACT

¹ Pós-doutorado em Educação. Doutora em Educação/UCDB. Mestre em Ensino de Ciências/Educação Ambiental em área indígena/UFMS. Especialista em gestão escolar/UFMS. Especialista em Biologia/Manejo de recursos Ambientais/UFMS. Graduada Matemática (Ensino Fundamental/UFMS), em Biologia/UFMS e Pedagogia (UNICESUMAR). Responsável pelo Arquivo Público de Mato Grosso do Sul e professora palestrante da Escola de Governo de Mato Grosso do Sul. E-mail ecmcastedo@gmail.com.

² Graduada em Pedagogia UFMS. Pós Graduação em Métodos e Técnicas de Ensino, Gestão Escolar, Educação Especial e Neuro psicopedagogia. Professora da Escola Municipal Ersó gomes. E-mail rainhadojardim@gmail.com

³ Doutoranda em Educação (UCDB) Mestre em Educação (UCDB). Graduada em pedagogia e Educação Especial. Especialização em psicopedagogia clínica e institucional, em relações étnico-raciais, gênero e diferenças no contexto do ensino da história e educação especial e inclusiva com ênfase em deficiências. E-mail aparecidapoline46@gmail.com

In recent years, several studies have pointed to a significant increase in teachers being absent from their activities due to health reasons. Thus, the objective of this article is to analyze the scope of teacher illness and absenteeism, understanding its structural causes and its manifestation across the different regions of Brazil. The methodology employed is qualitative and is based on an Integrative Literature Review and Documentary Research, with data analysis performed using the Content Analysis method (Bardin, 2011). The results confirm the prevalence of teacher discomfort (*mal-estar docente*) (Esteve, 1999), which culminates in pathologies such as depression, anxiety, and burnout syndrome (WHO, ICD-11), due to factors like workload excess, school violence, precarious infrastructure, and low remuneration. The study concludes that teacher well-being is dependent on structural public policies promoted by State and Municipal Secretariats of Education, which are urgent for the valuation of the profession and the care of professionals' mental and emotional health.

Keywords: Teacher. Mental health. Teacher discomfort. Burnout. Absenteeism.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos várias pesquisas apontam para a grande quantidade de professores afastados de suas atividades docentes por motivos variados. Em 2017, o Sindicado dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP) apresentou uma pesquisa onde 71% dos professores ouvidos já havia deixado de trabalhar em função de problemas psicológicos e psiquiátricos (Souto, 2017).

Em 2018, a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) divulgou um estudo mostrando que os professores da região Nordeste foram os que mais se ausentaram por questões de saúde e 58% deles faltaram pelo menos um dia em 2018. Em contrapartida a região Sul teve a menor porcentagem de faltas de professores por doenças, ficando em 48,3% (César, 2018).

A Associação Nova Escola fez uma pesquisa on line com mais de cinco mil professores nos meses de junho e julho de 2018. A pesquisa revelou que 66% dos professores já precisaram se afastar por problemas de saúde como ansiedade, estresse, dores de cabeça, transtorno do pânico, problemas vocais, lesões por movimentos repetitivos entre outros (Teixeira, 2018).

De acordo com o portal de notícias g1 de São Paulo, cento e doze professores por dia foram afastados da rede estadual em 2023 por problemas de saúde mental. Mais de vinte mil professores foram afastados no primeiro semestre de 2023. Em comparação à 2022 houve um aumento de 15% (Mello e Jesus, 2023).

A Deputada Estadual do Paraná Ana Julia Ribeiro (PT), em seu discurso na Assembleia Legislativa, denunciou que 8.800 professores foram afastados por problemas de saúde mental em 2024 no estado do Paraná (Correio do Litoral, 2025).

Essas notícias são exemplos do atual panorama de saúde vivenciado pelos professores em todo território nacional. Esse desgaste físico e psíquico do professor, também conhecido como mal-estar (Esteve, 1999) tem causado adoecimento, o afastamento e a readaptação para outros setores dentro ou fora do espaço escolar. O adoecimento e o consequente afastamento dos professores da sala de aula representam um tema de relevância urgente, ultrapassando a dimensão da saúde individual e configurando-se como um grave problema de saúde pública e um obstáculo estrutural à qualidade da educação no Brasil.

O presente estudo se justifica pela urgência em analisar o quadro de mal-estar docente (Esteve, 1999) e a incidência da síndrome de burnout que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é resultado do estresse crônico no ambiente de trabalho, reflexo da precarização sistêmica da profissão.

Apesar de haver ampla literatura sobre os sintomas do adoecimento foi identificado uma ausência na produção de análises que cruzem fontes e dados oficiais. Grande parte dos dados é dispersa proveniente de relatórios sindicais ou notas jornalísticas, tornando necessário reunir e cruzar esses dados de abrangência nacional com informações oficiais de órgãos como o Ministério da Saúde e Secretarias Estaduais de Educação, conferindo rigor documental à análise (Gadotti, 2000).

A simples descrição do problema não é suficiente, razão pela qual essa pesquisa buscou comparar criticamente a abrangência geográfica, ou seja, a manifestação e as causas do adoecimento nas cinco regiões do Brasil o que permitiu identificar se há fatores estruturais comuns (neoliberalismo e precarização) e fatores contextuais específicos (infraestrutura, violência escolar), subsidiando um debate mais qualificado. Por meio da análise crítica, a pesquisa foi além da descrição dos dados para discutir o impacto pedagógico e social da readaptação funcional, que retira professores experientes da sala de aula.

Sob a ótica da teoria Crítica, o adoecimento docente deve ser interpretado como um sintoma da crise do sistema educacional, onde o profissional torna-se a parte mais vulnerável do processo já que é submetido a condições de trabalho adversas. Essa análise rigorosa proposta, ao subsidiar a compreensão das causas estruturais do adoecimento e seu impacto na qualidade do ensino visa contribuir diretamente para a formulação de políticas públicas de valorização docente e de saúde ocupacional eficazes, garantindo a permanência dos profissionais na sala de aula em condições dignas.

2 METODOLOGIA

O presente estudo baseou-se em uma abordagem qualitativa, por buscar a compreensão dos

fenômenos a partir dos significados (Deslandes; Gomes; Minayo, 2009, p. 21), motivos e valores atrelados ao contexto do adoecimento docente. A pesquisa adotou como metodologia a Revisão Integrativa da Literatura e pesquisa documental (Oliveira, 2007). O procedimento foi realizado em 2024 e teve como foco o adoecimento e afastamento dos professores da educação básica (1º ao 9º ano), buscando dados de abrangência nacional e comparação regional.

O recorte temporal foi definido para o período de 2020 a 2025. Esse intervalo foi escolhido para analisar a saúde docente em função do impacto da pandemia de COVID-19, um evento que alterou drasticamente o cotidiano escolar e potencializou a crise na saúde física e mental dos profissionais. A partir desse intervalo, buscou-se analisar como esse fato impactou e alterou a saúde dos professores até o momento, já que o número de atestados apresentado tem aumentado a cada dia.

A coleta de dados ocorreu em duas etapas distintas. A primeira consistiu na Revisão Integrativa da Literatura, com o levantamento de artigos científicos, teses e dissertações nas bases de dados do domínio científico (Oliveira, 2007, p. 69), como SciELO-Brasil, Google Acadêmico e Banco de Teses e Dissertações da CAPES. As seguintes combinações de descritores foram utilizadas no campo de busca: “adoecimento docente” + “saúde mental professor”, “burnout” + “docentes”, “readaptação funcional” + “professores”, e “afastamento” + “professor”.

Para garantir o rigor e a consistência da revisão, foram incluídos estudos publicados entre 2020 e 2025 que abordassem diretamente o adoecimento, afastamento ou readaptação de professores da Educação Básica (1º ao 9º ano), com abrangência nacional ou regional (as cinco regiões do Brasil). Em contrapartida, foram excluídos trabalhos que se limitassem a estudos de caso único ou municipal (exceto quando o foco era a readaptação funcional), artigos de opinião, ensaios teóricos sem dados primários, ou revisões narrativas.

A segunda etapa correspondeu à pesquisa documental, buscando informações qualitativas e quantitativas em fontes primárias e secundárias. Em resposta à exigência de rigor documental, a prioridade foi dada aos documentos com tratamento científico ou oficial, como relatórios de sindicatos nacionais e regionais (ex: SINTEs) sobre afastamento, notas técnicas de Secretarias Estaduais de Educação, e dados de organismos de saúde. As reportagens de jornais, revistas e matérias de divulgação foram utilizadas de forma complementar (Oliveira, 2007), para contextualizar a visibilidade social do problema e a percepção pública sobre as causas do afastamento, mas não como fonte primária para análise estatística. Ao final do processo de busca e seleção, dez documentos e artigos compuseram o *corpus* final de análise.

Os dados reunidos na revisão e na pesquisa documental foram à análise de conteúdo seguindo as diretrizes de Laurence Bardin (2011). Este método permitiu a organização e a categorização das

informações para além da mera descrição dos resultados. O estudo utilizou três categorias temáticas centrais para guiar a análise, as quais incluíram: 1) fatores precipitantes e causas estruturais (foco em precarização do trabalho e violência escolar); 2) impacto regional e readaptação funcional (análise comparativa da incidência de doenças e afastamentos nas cinco regiões do Brasil); e 3) respostas institucionais e políticas públicas (levantamento das ações governamentais e sindicais voltadas para a saúde docente).

A interpretação final das categorias foi realizada à luz da teoria Crítica da Educação (Gadotti, 2000), utilizando-se dos conceitos de Mal-estar docente (Esteve, 1999, 2002; Rebolo, 2012) para que a discussão dos dados fosse crítica e fundamentada, analisando o problema como um fenômeno social e estrutural.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O MAL-ESTAR E O ADOECIMENTO DOCENTE

Para o ser humano, o trabalho constitui um dos eixos de relação entre o indivíduo e a sociedade, sendo influenciado por fatores históricos, sociais e culturais (Rebolo e Bueno, 2014). Embora o trabalho possa ser visto como um fator de sofrimento, ele também é uma fonte de prazer e possibilidade de “realização psicossocial daquele que o realiza” (Rebolo e Bueno, 2014, p. 324).

As rápidas transformações da sociedade, em especial a pandemia de COVID-19, impuseram aos docentes mudanças abruptas e a adaptação a novas formas de interação e ensino. Com o isolamento social, as escolas foram fechadas, conforme a Lei Federal nº 13.979 (Brasil, 2020), e as aulas foram migradas para o formato remoto. O impacto na educação foi significativo: a falta de infraestrutura tecnológica, tanto para alunos quanto para professores, exigiu gastos elevados com equipamentos e internet (Santos et al., 2023).

A transição para o ensino remoto gerou uma sobrecarga física e emocional nos professores. A ausência de capacitação adequada obrigou os profissionais a improvisar o ensino em plataformas digitais, o que, somado ao aumento drástico na carga de trabalho (gravação de aulas, edição de vídeos, correção de atividades e atendimento a distância), resultou em relatos de insônia, irritabilidade, choro involuntário, ansiedade e depressão (Santos et al., 2023).

Adicionalmente, o retorno ao ensino presencial foi marcado por desafios socioemocionais, conforme relatam Santos et al. (2023): a baixa participação e a indisciplina elevada dos alunos, a queda na motivação, a resistência à autoridade docente e o aumento de atitudes desafiadoras e de afronta direta, configurando uma pressão psicológica que compromete a saúde mental dos professores.

3.1. O Mal-Estar Docente e o *Burnout*: Conceitos e Consequências

Nas últimas décadas, a atenção se voltou para o sofrimento e a insatisfação que os professores vivenciam em sua profissão, fenômeno denominado mal-estar docente (Rebolo e Bueno, 2014, p. 323). Esse interesse é compreensível, dado que a desvalorização do magistério, os baixos salários e as condições adversas de trabalho contribuem para o aumento das insatisfações.

O conceito de Mal-estar Docente foi formalmente definido por Esteve (1999) como um estado de sofrimento crônico e persistente que afeta a saúde física e mental do professor. Este mal-estar não é apenas fruto de fatores pessoais, mas sim de uma complexa interação entre as transformações sociais (desvalorização profissional), a precarização das condições de trabalho e a crise de autoridade (Esteve, 1999). É neste quadro que se insere o entendimento de que o mal-estar docente é consequência “[...] da atividade docente ser complexa, desgastante e, muitas vezes, comprometer a saúde física e mental do professor [...]” (Andrade, 2012, p. 66).

A natureza multifacetada do mal-estar docente é resultado da complexa interação de fatores como sobrecarga de trabalho, esgotamento, recursos insuficientes, grandes turmas e violência. Esses fatores são responsáveis pelo esgotamento físico e emocional, podendo levar ao desenvolvimento de patologias graves, como a depressão, a ansiedade e, em sua forma mais aguda, a síndrome de *burnout*.

O Burnout é reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma síndrome resultante do estresse crônico no local de trabalho que não foi gerenciado com sucesso, sendo caracterizada por três dimensões: sentimentos de exaustão, cinismo ou sentimentos negativos relacionados ao próprio trabalho e eficácia profissional reduzida (OMS, CID-11).

Assim, o sentimento de frustração pelos objetivos não alcançados aumenta o sofrimento e a desmotivação, podendo ocasionar quadros de Transtorno de Pânico (condição clínica caracterizada por ataques recorrentes e inesperados de ansiedade aguda) e distanciamento de alunos e colegas de trabalho.

Segundo Pereira (2011), a origem do mal-estar docente está relacionada à carga horária elevada, ao excessivo número de alunos em sala, ao desrespeito, à infraestrutura ruim, à falta de materiais pedagógicos e à defasagem salarial. Em uma perspectiva complementar, Rebolo e Carmo (2010, p. 08) destacam que “o excesso de burocracia e o controle do trabalho do professor, a falta de apoio e de reconhecimento do trabalho por parte das instâncias superiores do sistema educacional, e a deficiência de recursos materiais” são fatores que levam à insatisfação, ao adoecimento e, por fim, ao afastamento dos professores.

3.2. A Readaptação Funcional

Neste cenário de agravamento da saúde, a Readaptação Funcional emerge como uma das principais respostas administrativas ao adoecimento docente. A readaptação é um procedimento previsto em lei que visa realocar o servidor para uma nova função, compatível com as limitações permanentes de sua saúde física e/ou mental, atestadas por perícia médica. Embora seja uma medida protetiva, a readaptação é a consequência final e mais grave do mal-estar crônico, resultando na retirada de professores experientes da regência de classe.

4. ANÁLISE COMPARATIVA DO AFASTAMENTO DOCENTE POR REGIÃO

Esta seção apresenta os dados levantados por meio da Revisão Integrativa da Literatura e da pesquisa documental, conforme o método de análise de conteúdo (Bardin, 2011) descrito na Metodologia. Sete trabalhos foram incluídos e analisados para a construção do panorama regional a seguir.

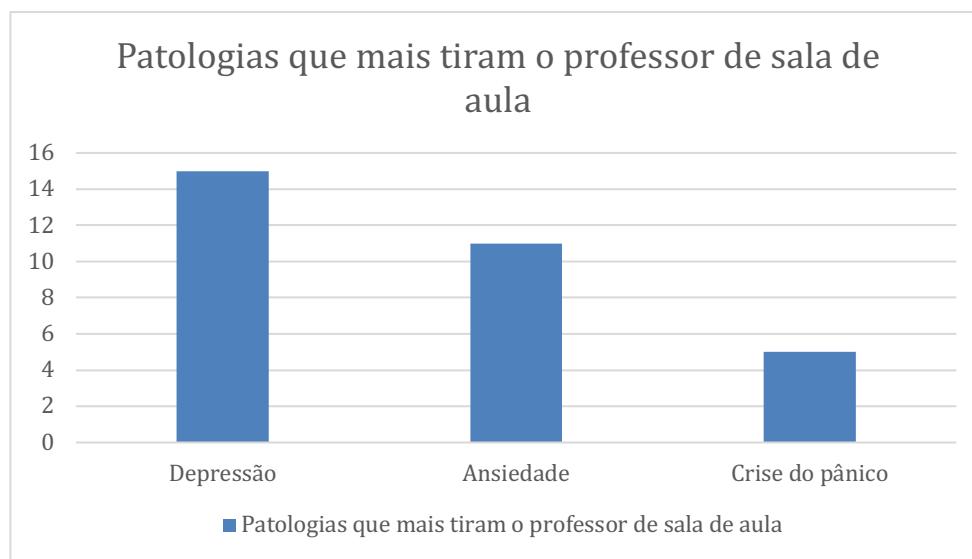
4.1. Amostra do número de professores afastados por região no país

Na região Centro-Oeste, em Mato Grosso do Sul, o ano de 2023 registrou o afastamento de cerca de 1.300 professores por problemas de saúde. A Secretaria Estadual de Educação (SED) reportou 343 professores afastados por motivos de saúde em 2023, comparado a 487 no mesmo período de 2022 (Gomes, 2023). Na Secretaria Municipal de Educação (SEMED), em março de 2023, 922 professores apresentaram atestados médicos por problemas de saúde mental. Gilvano Kunzler Bronzoni, presidente da ACP-MS, afirmou que a educação é o setor público com maior número de afastamentos, atribuindo isso à estrutura precária, à desvalorização da carreira e ao crescimento da violência (Gomes, 2023).

Na Região Sudeste, a rede estadual de São Paulo registrou 20.173 professores afastados por saúde mental no primeiro semestre de 2023, um aumento de 15% em relação a 2022. Em média, 112 professores por dia foram afastados no estado por depressão, ansiedade e Transtorno de Pânico (JASB, 2023). Em Belo Horizonte (MG), a média mensal é de 605 professores afastados, representando um aumento de 282% em relação a 2021, totalizando 7.260 casos por ano (Oliveira, 2023). As causas apontadas são as mesmas: salas de aulas cheias, estrutura precária, baixa remuneração e desvalorização profissional.

No Nordeste, em Sergipe, entre 2023 e 2024, 2.445 professores pediram licença médica, dos quais 565 não retornaram (Góes, 2024). Góes (2024) aponta uma mudança no perfil do adoecimento, que migrou de doenças físicas (ortopédicas/motoras) para doenças de ordem mental, como estafa, desânimo, ansiedade, estresse e assédio. A pesquisa de Santos e Machado (2024) em Recife e região metropolitana, com 31 professores readaptados em 2021, indicou que as patologias se concentraram em problemas psicológicos, problemas de voz e problemas osteomusculares.

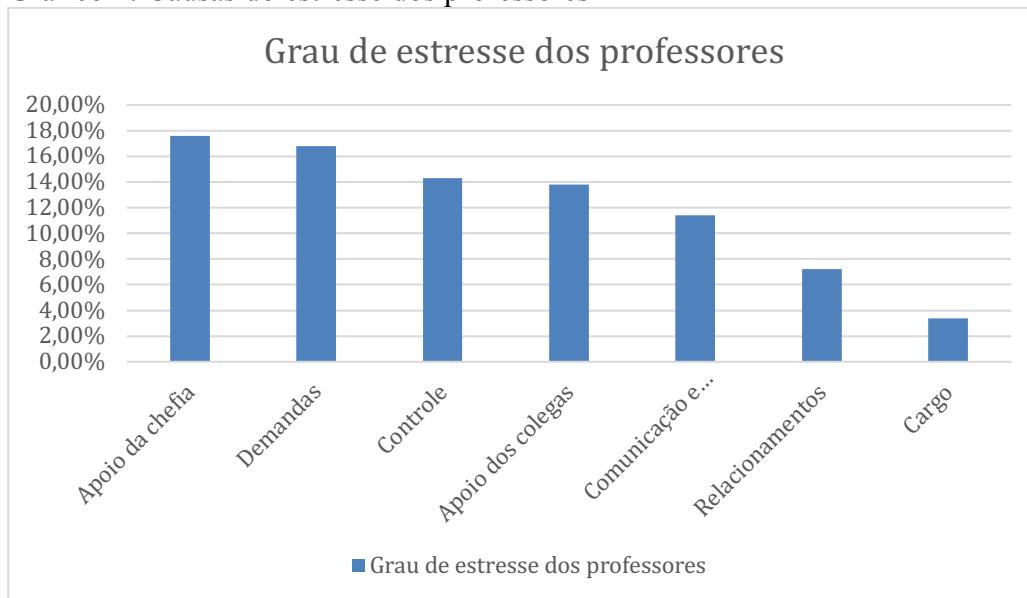
Gráfico 1: Patologias que causam o afastamento do professor



Fonte: Adaptado de Santos e Machado (2024)

Na Região Norte, em Manaus (AM), a pesquisa de Nascimento (2023) com professores do IFAM identificou que o estresse ocupacional está associado à infraestrutura, à relação interpessoal e às demandas da profissão.

Gráfico 2: Causas do estresse dos professores



Fonte: Adaptado de Nascimento (2023).

De acordo com Nascimento (2023), esses resultados confirmam que a docência está associada a vários fatores de pressão que geram estresse nos professores como: infraestrutura, relação interpessoal e demandas da profissão.

Outra pesquisa no Amazonas (Cavalcante, Silva e Ferreira, 2023) com 20 professores afastados entre 2018 e 2020 confirmou a prevalência de doenças psicológicas (depressão, ansiedade e quadros psiquiátricos graves) sobre as fisiológicas. As causas apontadas incluem sobrecarga de trabalho, precarização da infraestrutura escolar (salas não climatizadas), ausência de recursos e violência verbal.

Na Região Sul, em Santa Catarina (SC), na cidade de Santa Maria, um terço dos 1.752 professores da rede municipal foi afastado por problemas de saúde no primeiro semestre de 2022. O sindicato dos professores indicou que a maior parte dos afastamentos se deve à saúde mental (Costa, 2022).

Quadro 1: Síntese Comparativa dos Casos de Adoecimento e Afastamento Docente por Região no Brasil

Região	Dados Quantitativos de Afastamento	Causas e Patologias Prevalentes	Fatores Estruturais e Contextuais Apontados
Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul)	Cerca de 1.300 afastados em 2023. 922 atestados por transtornos mentais em Mar/2023 (SEMED).	Saúde Mental, Transtornos Mentais e Comportamentais	Estrutura precária, desvalorização da carreira e crescimento da violência escolar
Sudeste (São Paulo e Minas Gerais)	SP: 20.173 afastados por saúde mental no 1º sem/2023 (+15% vs 2022). MG: Média de 605 afastamentos/mês (~7.260/ano).	Depressão, Ansiedade e Transtorno de Pânico	Salas de aulas cheias, estrutura precária, remuneração baixa e desvalorização profissional

Nordeste (Sergipe e Pernambuco)	SE: 2.445 licenças médicas (2023/2024); 565 não retornaram	Migração do perfil de doenças físicas para saúde mental (estafa, desânimo, ansiedade). Problemas de voz e osteomusculares (PE).	Sobrecarga, assédio
Norte (Amazonas)	Prevalência de doenças psicológicas sobre as fisiológicas (pesquisas 2018-2023).	Depressão, Ansiedade e quadros psiquiátricos graves	Sobrecarga de trabalho, ausência de recursos, violência verbal e infraestrutura precária (salas não climatizadas) .
Sul (Santa Catarina)	1/3 dos 1.752 professores de rede municipal afastados no 1º sem/2022. Média de 80-100/mês	Maior parte dos afastamentos devido à Saúde Mental	Não detalhado nos trechos, mas alinhado com o quadro nacional de crise de saúde mental.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Revisão Integrativa da Literatura e Pesquisa Documental, com base em Gomes (2023), JASB (2023), Oliveira (2023), Góes (2024), Santos e Machado (2024), Nascimento (2023) e Costa (2022).

4.2. Discussão Crítica e Recomendações

A partir dos dados apresentados, observamos que a quantidade de professores afastados só tem aumentado a cada ano, sendo a saúde mental o principal fator de adoecimento em todas as regiões pesquisadas. A análise comparativa indica a existência de fatores estruturais comuns que afetam o magistério em todo o país: a desvalorização da carreira (salário e descrédito social), a sobrecarga de trabalho e a violência escolar. Contudo, a análise também permite identificar fatores contextuais específicos que agravam o quadro em cada região, como a deficiência de infraestrutura (falta de climatização) no contexto amazônico. Este panorama de adoecimento docente é a expressão mais grave da crise sistêmica do sistema educacional brasileiro, e não um problema individual, conforme o referencial da Teoria Crítica.

Para enfrentar e superar a insatisfação no serviço é complexo, pois envolve a perspectiva de cada um ao dar novos significados ao trabalho (Rebolo, 2012). No entanto, o bem-estar do professor depende diretamente de ações institucionais. Rebolo e Bueno (2014) destacam a importância de buscar e entender as causas que geram mal-estar na tentativa de promover um ambiente de trabalho saudável, ressaltando que “o bem-estar não pode ser avaliado externamente, uma vez que esse sentimento só pode ser afirmado ou negado pelo próprio indivíduo” (Rebolo e Bueno, 2014, p. 326).

Para melhorar a satisfação dos professores, é necessário que as políticas públicas promovidas pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Educação (SME/SEE), em conjunto com órgãos de saúde, invistam em ações estruturais de responsabilidade do poder público e não apenas de autonomia das escolas. Isso implica:

- Diminuição da rotina burocrática e da carga horária.

- Redução do número de alunos por sala de aula.
- Garantia de recursos, infraestrutura adequada e melhores salários.
- Implementação de atendimentos psicológicos institucionais e formação continuada focada na saúde mental e socioemocional.

Implementar essas medidas, cuja viabilidade depende da alocação orçamentária e de decisões políticas superiores, é crucial para criar um ambiente educacional que promova a satisfação e o bem-estar dos profissionais da educação. De acordo com nosso referencial teórico, um professor satisfeito com sua profissão e condições de trabalho tende a estar mais preparado e mentalmente saudável para enfrentar os desafios intrínsecos à sua profissão e para manter relações mais positivas com seus alunos.

A seguir, a discussão será direcionada para as Considerações Finais do estudo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo central compreender os motivos que têm levado os professores ao afastamento da sala de aula, utilizando a Revisão Integrativa da Literatura e a Pesquisa Documental como base metodológica. O percurso de análise crítica permitiu aprofundar o entendimento sobre o mal-estar docente e suas consequências mais graves, conforme exigido pelo referencial teórico.

Os resultados confirmam que o adoecimento do professor no Brasil é a manifestação clínica de um quadro estrutural e sistêmico, e não de uma falha individual. O mal-estar docente, definido por Esteve (1999) como sofrimento crônico, é a base para o desenvolvimento de patologias como depressão, ansiedade, transtorno de pânico e a síndrome de *burnout* (OMS, CID-11).

A análise comparativa dos dados documentais, abrangendo as cinco regiões do país, revela que as causas do afastamento por saúde mental são homogêneas em nível nacional, convergindo para:

1. Desvalorização profissional (salários defasados e descrença social).
2. Precarização das condições de trabalho (sobrecarga burocrática e número excessivo de alunos).
3. Violência e indisciplina (desafios socioemocionais pós-pandemia).

Os altos índices de afastamento e o consequente processo de readaptação funcional evidenciam a urgência em tratar a saúde mental do professor como uma pauta prioritária de saúde pública, uma vez que a insatisfação e o mal-estar comprometem a qualidade do ambiente de ensino e, indiretamente a aprendizagem dos alunos.

Reconhecemos que o estudo apresenta limitações intrínsecas à sua metodologia. A Revista Diálogos Interdisciplinares, UFMS, Aquidauana/MS, v.4, n.20, dez. (2025)

dependência de dados secundários e documentais, majoritariamente oriundos de levantamentos regionais noticiosos, pode não refletir o universo total e a precisão estatística dos afastamentos. Além disso, o foco na Revisão Integrativa da Literatura limitou a profundidade da análise causal, concentrando-se na descrição do fenômeno em diferentes contextos.

Para a agenda futura de pesquisa, sugere-se a realização de estudos quantitativos de larga escala em parceria com as Secretarias de Educação, a fim de aferir a prevalência de quadros psiquiátricos específicos (como *burnout* e Transtorno de Pânico) na docência, por tempo de serviço e nível de ensino. Recomenda-se, ainda o desenvolvimento de pesquisas longitudinais que avaliem o impacto pedagógico e financeiro da readaptação funcional no sistema educacional, aprofundando o debate sobre políticas de prevenção e reintegração.

Com base na síntese analítica e visando a transformação do quadro de adoecimento docente, são apresentadas as seguintes recomendações para as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação (SME/SEE):

1. Ações de Mitigação da Sobrecarga: Implementar a redução imediata do número de alunos por turma e realizar a revisão das rotinas burocráticas impostas ao professor em regência de classe.
2. Investimento em Infraestrutura: Garantir condições de trabalho adequadas, como salas de aula com infraestrutura apropriada (incluindo climatização, onde o contexto regional exigir), e fornecimento de materiais pedagógicos suficientes.
3. Cuidado e Prevenção Institucional: Criar e manter Núcleos de Apoio Psicossocial permanentes para os professores, oferecendo atendimento psicológico institucional preventivo e não apenas reativo às crises.
4. Valorização da Carreira: Promover políticas salariais justas e compatíveis com a importância da função, como medida essencial para restaurar a autoestima e a satisfação do professor com a profissão.

Concluímos que a saúde e a satisfação do professor são fatores indissociáveis da qualidade da educação. O bem-estar docente, um sentimento que deve ser afirmado pelo próprio indivíduo (Rebolo e Bueno, 2014), exige políticas públicas que promovam um ambiente de trabalho justo, ético e respeitoso, garantindo a permanência de profissionais saudáveis e motivados na Educação Básica.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lucas Veras de. Mal-estar e atividade docente: um estudo com professoras de educação infantil. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v.21, n.1, p.65-82, jan./abr.2012.

Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/8726/6231>. Acesso em: 14 de mar. de 2024.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. **Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 fev. 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/Lei/L13979.htm. Acesso em: 19 jun. 2025.

CAVALCANTE, Andréa Carla Corrêa. SILVA, José Amauri Siqueira da. FERREIRA, Ezequiel Martins. Mudanças no cenário docente no Amazonas: do adoecimento fisiológico para o psicológico. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano. 08, Ed. 09, Vol. 03, pp. 180-194. Setembro de 2023. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/cenario-docente-no-amazonas>. Acesso em 18 jun. 2025.

CÉSAR, Raíssa. Problemas de saúde afastam mais da metade dos professores da educação básica. **Faculdade de Medicina da UFMG**, Belo Horizonte, 22 out. 2018. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/problemas-de-saude-afastam-mais-da-metade-dos-professores/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CORREIO DO LITORAL. Ana Júlia denuncia que 8,8 mil professores foram afastados por sofrimento mental em 2024. **Correio do Litoral**, Paranaguá (PR), 2 jun. 2025. Disponível em: <https://www.correiodolitoral.com/ana-julia-denuncia-que-88-mil-professores-foram-afastados-por-sofrimento-mental-em-2024/91080>. Acesso em: 17 jun. 2025.

COSTA, Eduarda. Um terço dos professores da rede municipal de Santa Maria esteve afastado no primeiro semestre de 2022. **DIÁRIO DE SANTA MARIA**, Santa Maria, 22 jul. 2022. Disponível em: https://diariosm.com.br/noticias/geral/um_terco_dos_professores_da_rede_municipal_de_santa_maria_esteve_afastado_no_primeiro_semestre_de_2022.518978. Acesso em: 17 jun. 2025.

DESLANDES, Suely F; GOMES, Romeu; MINAYIO, Cecília de S. (orgs). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a doença dos professores**. Lisboa: Edições Asa, 1999.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo: Artmed, 2000.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-9, maio/jun. 1995.

GÓES, Cristian. Professores de Sergipe estão esgotados e doentes: mais de 25% deles já estiveram na perícia médica. **Mangue Jornalismo**, 21 nov. 2024. Disponível em: <https://manguejornalismo.org/professores-de-sergipe-estao-esgotados-e-doentes-mais-de-25-deles-ja-estiveram-na-pericia-medica/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

GOMES, Ketlen. Cerca de 1 300 professores estão afastados por questões de saúde. **Correio do Estado**, Campo Grande, 17 abr. 2023. Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/cidades/cerca-de-1300-professores-estao-afastados-por-questoes-de-saude/413719/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

JASB – Jornal dos Agentes de Saúde do Brasil. Cresce o adoecimento docente em SP: 20.173 professores afastados nos seis primeiros meses por saúde mental. **JASB**, São Paulo, 6 set. 2023. Disponível em: <https://www.jasb.com.br/2023/09/SP.html>. Acesso em: 17 jun. 2025.

JESUS, S. N. Prevenção do mal-estar docente através da formação de professores. **Educação**, XXV (48), p. 25-43, 2002. Disponível em: https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_41_36. Acesso em: 30 de jun. 2024.

LIMA, Vanessa Matos da Silva. Mudanças no cenário docente no Amazonas: do adoecimento fisiológico para o psicológico. **Núcleo do Conhecimento**, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/cenario-docente-no-amazonas>. Acesso em: 14 jun. 2025.

MELLO, Ana Júlia; JESUS, Gabriel. 112 professores são afastados por dia em SP por problemas de saúde mental; aumento de 15% em 2023. **G1, São Paulo**, 5 set. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/09/05/112-professores-sao-afastados-por-dia-em-sp-por-problemas-de-saude-mental-aumento-de-15percent-em-2023.ghtml>. Acesso em: 17 jun. 2025.

NASCIMENTO, Alice Carvalho do. **Avaliação do estresse ocupacional dos professores de ensino básico, técnico e tecnológico do Campus Manaus Centro do Instituto Federal de Educação do Amazonas: Manaus, AM**. Seropédica, RJ: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2023. 86 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Estratégia) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Gestão e Estratégia. Disponível em: <https://tede.ufrrj.br/jspui/handle/jspui/6947>. Acesso em: 16 jun. 2025.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Rayllan. Condições precárias nas escolas adoecem e afastam um professor a cada 1h20 em BH. **O TEMPO**, Belo Horizonte, 15 abr. 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/condicoes-precarias-nas-escolas-adoecem-e-afastam-um-professor-a-cada-1h20-em-bh-1.2850240>. Acesso em: 17 jun. 2025.

PEREIRA, Flaviane Farias Sudario. **Indicadores de mal-estar docente em escolas públicas municipais de salvador**. 2011. 121 f. (Mestre em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador - BA, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/8945/1/Flaviane%20F.%20Sudario%20Pereira.pdf>. Acesso em: 24. set. 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed.; Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REBOLO, Flavinês. Fontes e Dinâmicas do Bem-Estar Docente: os quatro componentes de um trabalho felicitário. In: REBOLO, Flavinês; TEIXEIRA, Leny.Rodrigues Martins; PERRELLI, Maria Aparecida de Souza (Org.). **Docência em questão: discutindo trabalho e formação** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. p. 23 – 60.

REBOLO, Flavinês; BUENO, Belmira Oliveira. O bem-estar docente: limites e possibilidades para a felicidade do professor no trabalho. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 36, n. 2, p. 323-331, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3033/303331286016.pdf>. Acesso em: 23 out 2024.

REBOLO, Flavinês; CARMO, Jefferson Carriello do. Mudanças nas formas de trabalho e o mal-estar dos professores. In: VIII Seminario Internacional Red Estrado - UCH – CLACSO, 2010, Lima. **Anais**. Lima: Red Estrado; Universidad de Ciencias y Humanidades; CLACSO, v. 1. p. 1-14. 2010.

SANTOS, Jerson Guimarães dos; MACHADO, Laêda Bezerra. Professores readaptados em escolas públicas: adoecimento e perspectivas de retorno à sala de aula. **Educação em Revista**, [S.l.], v. 40, n. 1, p. 206-225, 2024. Disponível em:
http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2448-35832024000100206&lng=pt. Acesso em: 19 jun. 2025.

SANTOS, Jerson Guimarães dos; SILVA, Ingride Farias Fernandes Ribeiro da; LOPES, Manuela Havena Rosendo; PINHO, Silvia Teixeira de. O impacto negativo do ensino remoto na educação básica: sobrecarga docente e sofrimento psíquico. **EFDeportes**, Buenos Aires, ano 28, n. 299, 2023. Disponível em:
<https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/3650/1823>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SILVA, Cleidiane Cordeiro da; MOURA, Larissa Nascimento de; MORAIS, Kátia Cilene Pereira de; OLIVEIRA, Solange de Fátima Silva. A saúde do professor de Educação Física e o impacto da pandemia de COVID-19. **EFDeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, n. 284, jan. 2023. Disponível em:
<https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/3650/1823>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SOUTO, Luiza. Transtornos emocionais são as principais causas de afastamento de professores. **APEOESP**, São Paulo, 6 dez. 2017. Disponível em: <https://www.apeoesp.org.br/noticias/noticias-2017/transtornos-emocionais-sao-as-principais-causas-de-afastamento-de-professores/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SOUTO, Luiza. Transtornos emocionais são as principais causas de afastamento de professores. O Globo, São Paulo, 5 dez. 2017. Publicado no site da **APEOESP** em 6 dez. 2017. Disponível em: <https://www.apeoesp.org.br/noticias/noticias-2017/transtornos-emocionais-sao-as-principais-causas-de-afastamento-de-professores/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

TEIXEIRA, Larissa. Pesquisa indica que 66% dos professores já precisaram se afastar devido a problemas de saúde. **Nova Escola**, 16 ago. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12302/pesquisa-indica-que-66-dos-professores-ja-precisaram-se-afastar-devido-a-problemas-de-saude>. Acesso em: 17 jun. 2025.